

**COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO DE ITALODESCENDENTES EM
CASCAVEL/PR¹***LINGUISTIC BEHAVIOR OF ITALIAN DESCENDANTS IN CASCAVEL/PR*Sanimar Busse²
Wânia Cristiane Beloni³

RESUMO: A manutenção e preservação de uma variedade linguística estão ligadas a questões históricas, as quais, conseqüentemente, delineiam as crenças e atitudes de uma comunidade. Dependendo do grupo em que o falante está inserido, sua forma de se comunicar pode ser estigmatizada ou prestigiada. Sendo assim, além de fatores históricos, os componentes cognoscitivos, afetivos e emocionais, os quais estão ligados à forma de pensar, sentir e avaliar, são determinantes para que uma variedade linguística se mantenha ou não. É preciso considerar, portanto, que o processo de imigração dos italianos e de migração dos descendentes dessa etnia até chegarem a Cascavel é relevante para que se possa entender como os fatores históricos influenciam nas crenças e atitudes da comunidade italiana de frente sulista neste município. Além disso, Frosi, Faggion e Dal Corno (2010) vinculam as atitudes linguísticas também aos fatores sociais idade e gênero. Sendo assim, com o objetivo de demonstrar o comportamento de alguns descendentes de italianos em Cascavel perante a língua de seus antepassados foram selecionados 18 informantes, italodescendentes de colonização sulista e que moram nesta localidade há mais de 30 anos ou que nasceram nesta cidade, os quais foram distribuídos nas seguintes dimensões: diageracional e diassexual. A partir disso, foram realizadas entrevistas individuais, por meio da aplicação de um questionário semidirigido e os dados oportunizam verificar o comportamento linguístico e cultural da comunidade de descendentes de italianos de frente sulista, ou seja, daqueles que vieram do Rio Grande do Sul e/ou Santa Catarina. Constatamos que os níveis de bilinguismo variam dependendo de fatores sociais, como sexo e faixa etária, assim como de fatores históricos. A língua é uma das formas de expressão de uma cultura, no entanto, uma comunidade étnica não pressupõe a existência de uma comunidade de fala italiana.

PALAVRAS-CHAVE: *talian*, língua italiana padrão, crenças e atitudes.

ABSTRACT: The maintenance and preservation of a linguistic variety are linked to historical issues, which consequently outline the beliefs and attitudes of a community. Depending on

¹ Este artigo é parte do resultado da dissertação de mestrado “Um estudo sobre a fala de italodescendentes em Cascavel-PR”, vinculada ao projeto de pesquisa “Estudo sobre línguas em contato no Oeste do Paraná: a língua italiana, o *talian* e o português”, aprovado pelo Comitê de Ética da Unioeste, por meio da Plataforma Brasil, com o número de parecer 289.274, no início de junho de 2013.

² Docente do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras - Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - Campus de Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: sani_mar@hotmail.com

³ Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras - Linguagem e Sociedade - da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - Campus Cascavel, Paraná. E-mail: wania.beloni@hotmail.com

the community in which the speaker is inserted, his way of communicating can be stigmatized or prestigious. Thus, in addition to historical factors, the cognoscenti, affective and emotional components, which are connected to the way of thinking, feeling and evaluate are crucial for maintenance or not of a linguistic variety. Therefore consider the immigration process of Italian and migration of the descendants of this ethnic group until reach Cascavel city is important to understand how historical factors influence the beliefs and attitudes of the Italian community from southern region in this city. In addition, Frosi, Faggion and Dal Corno (2010) binding on the language attitudes also to social factors age and gender. Thus, in order to demonstrate the behavior of some descendants of Italians in Cascavel city before the language of their ancestors, 18 informants were selected, Italian descendants of southern colonization and that live in this town for more than 30 years or that were born in the city, which were distributed in the following dimensions: through generational and sexual. From this, individual interviews were conducted through the application of a semi-guided questionnaire and the data allowed checking the linguistic and cultural behavior of the Italian descent community from southern region, that is, those who came from Rio Grande do Sul and/or Santa Catarina states. We found that bilingualism levels vary depending on social factors such as gender and age, as well as historical factors. Language is a form of expression of a culture, however, an ethnic community does not presuppose the existence of a speech italian community.

KEYWORDS: *talian*, standard Italian language, beliefs and attitudes.

INTRODUÇÃO

Apresentamos neste texto resultados da pesquisa realizada com descendentes de italianos, vindos dos estados sulistas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, e que se instalaram em Cascavel, no Oeste paranaense. Muitos desses descendentes fazem parte da história de colonização do município. Conforme destaca Deitos (2004, p. 41), a colonização do Oeste paranaense “é decorrente daquela ocorrida por ocasião da crise do latifúndio escravocrata datada ainda no século XIX”, a qual, por sua vez, necessitava de mecanismos de sobrevivência dentro da nova ordem do imperialismo.

Quando os imigrantes chegaram, trazendo as línguas de imigração⁴, o Brasil era nação multiétnica, com contextos multilíngues. Destacamos que, antes mesmo da colonização portuguesa, que ocorreu no antigo sistema colonial, já existiam 180 línguas indígenas no território brasileiro.

⁴ Altenhofen e Margotti (2011) explicam que, essas línguas diferentes, vindas de fora, são chamadas também de língua de imigração, denominadas, por isso, de *língua alóctone*, pois, muitas vezes, a matriz de origem se encontra tão distante que dificulta o reencontro, “apesar das novas tecnologias”. Eles afirmam, ainda, que as línguas de imigração possuem falantes descendentes de quinta ou sexta geração e que “Seu processo de ‘adaptação’ ao novo meio guarda uma longa história em solo brasileiro” (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011, p. 290). Os autores esclarecem também que as línguas de imigração compartilham um *status* de língua minoritária, em relação à língua oficial, e que numericamente há cerca de 30 línguas de imigração no Brasil.

Apesar de o Brasil ter como língua oficial a língua portuguesa, decretada na constituição de 1988, no Artigo 13, e, portanto, o país ser visto como monolíngue, segundo o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), estima-se que mais de 250 línguas sejam faladas no Brasil entre indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades.

O destino dos imigrantes europeus foi, sobretudo, as regiões encobertas por florestas, inicialmente em diversas regiões, entre elas Rio Grande do Sul e Santa Catarina e o processo de desbravamento se estendeu, no entanto, para outras regiões, como para o Paraná. No Oeste do Paraná esses imigrantes encontraram um ambiente favorável para a preservação e disseminação da língua e cultura dos antepassados, ainda que a variedade linguística italiana não seja mantida no dia a dia de muitos descendentes.

Na cidade de Cascavel/PR, a preservação da cultura italiana talvez seja muito mais evidente do que a manutenção. O primeiro termo, segundo o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2009), tem o objetivo, como o próprio vocábulo designa, de preservar, “de garantir a integridade e a perenidade de algo”, ou seja, de realizar ações com o intuito de salvar algo que não está sendo mantido naturalmente. O termo manutenção, por sua vez, segundo o Aurélio, é “um ato ou efeito de manter-se”. Observamos que a manutenção vai muito além, pois tem o propósito de evidenciar a posição e o estado em que se encontra algo, no caso, uma variedade linguística, a qual ocorre no dia a dia das pessoas. Assim, notamos que quando se tem a necessidade de preservar, de guardar algo, é porque não se utiliza mais determinado objeto. Por outro lado, se a língua é mantida, se está em uso, ela não precisa ser guardada, protegida e conservada.

A cultura italiana, em Cascavel, destaca-se também pela manutenção, seja pela preservação, do *talian*⁵, em ambientes e ocasiões, ainda que restritas, e também pela difusão do italiano padrão por meio do curso de graduação em Letras, com habilitação em Língua Italiana, da Unioeste.

É preciso, porém, compreender como a variedade minoritária italiana chegou até o Brasil e, sobretudo, em Cascavel. É relevante lembrar que a maioria dos italianos, ao chegarem ao país, era monolíngue, falava o dialeto de sua região italiana de origem - Veneto, Lombardia, Trentino Alto Ádige e Friuli Venezia Giulia - do norte da Itália. Como quase 60% dos imigrantes italianos eram do Vêneto, foi o dialeto desta região que prevaleceu entre eles.

⁵ Reconhecido pelo INDL em 2014. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/140>>.

“[...] a coiné resultante do contato entre os diferentes dialetos italianos e denominada de dialeto vêneto, vêneto riograndense ou *talian* foi uma língua franca, pois possibilitou a interação de imigrantes italianos advindos de diferentes regiões” (PERTILE, 2009, p. 32). Surge, então, nesse contexto, uma nova língua que teve no início função de *koiné*⁶, ou seja, de comunicação entre famílias italianas que tinham modos de falar distintos. Com base no dialeto vêneto, as famílias italianas, em um novo ambiente, em que se falava português, quando se tornaram bilíngues, acabaram transformando o dialeto vêneto. Este sofreu influências do português e assim se transformou em um novo modo de falar, chamado de *talian*, ou de *vêneto brasileiro*. Essa variedade linguística minoritária italiana foi trazida para o Oeste do Paraná pelos descendentes de italianos que migraram do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina em busca de novas terras. A partir da década de 1930, quando o ciclo da erva-mate foi extinto e que se iniciou o ciclo da madeira, diversas famílias desses estados sulistas constituíram a base populacional da área que viria a se chamar Cascavel⁷. Sendo a maioria dos migrantes sulistas de descendência alemã e italiana, justifica-se a pesquisa nesta localidade em relação à língua e à cultura italiana.

LÍNGUAS E CULTURAS EM CONTATO

A aproximação e a convivência entre duas ou mais comunidades de falas distintas fazem com que surjam novos processos de comunicação, considerando que a necessidade de se comunicar está em primeiro lugar. Assim, o bilinguismo e/ou o multilinguismo acabam vigorando e situações bidialetais diversificadas ocorrem.

O bilinguismo é determinado pelo contexto em que o indivíduo se encontra, pois é por meio do contato linguístico, da convivência de duas comunidades, que falantes de línguas diferentes se encontram e se comunicam. Segundo Silva-Corvalán (1989, p. 177), bilinguismo corresponde ao “uso de duas línguas”, pois o multilinguismo seria o uso de três ou mais línguas pelo mesmo falante. Segundo a autora, “*El bilingüe puede ser miembro de una*

⁶ “[...] um *koiné* é uma forma de falar compartilhada por pessoas de diferentes vernáculos” (WARDHAUGH apud MONTEIRO, 2000, p. 46).

⁷ Em 1936, a vila foi oficializada pela prefeitura de Foz do Iguaçu, com a denominação de Cascavel, mas, tornou-se distrito apenas em 1938, e alcançou a emancipação em 14 de dezembro de 1952.

*comunidad esencialmente monolingüe, o de una comunidad en la que se usan las dos lenguas a diario y de manera estable”.*⁸

No entanto, um indivíduo que apenas entende outro idioma pode ser considerado bilíngue? Esse assunto é complexo e há disparidades entre as conceituações dos autores, pois alguns acreditam que bilíngue seja apenas aquela pessoa que fala e entende, no mesmo nível, ambas as línguas.

Alguns estudiosos consideram que bilíngue é tanto aquele que tem um domínio mínimo como aquele que tem um domínio alto de outra língua, além de sua materna. Marcelino (2009, p. 3) explica que a definição de bilíngue não parece ter consenso, pois a maior parte dos bilíngues e monolíngues acredita que “ser bilíngue” está associado a crescer falando duas línguas, ou ser falante nativo de duas línguas.

Wei (2000), por exemplo, apresenta 37 tipos diferentes de bilíngues. Todos os tipos possíveis de bilíngues, porém, podem ser classificados com base em uma diferenciação pautada na aquisição: simultânea e consecutiva. A aquisição simultânea pode ser chamada também de aquisição na infância, aquisição precoce e a aquisição consecutiva, de aquisição tardia, aquisição sucessiva (MARCELINO, 2009, p. 5-6).

Confortin (1996) apresenta três correntes para as definições de bilinguismo:

- 1) os que consideram ser bilíngue somente o falante que domine, em igual nível e com igual competência, dois sistemas linguísticos. Situamos nesta corrente, Mattoso Câmara (1968, p. 70) que define o ‘bilinguismo como a capacidade de um indivíduo de usar duas línguas distintas como se ambas fossem sua língua materna, optando por uma ou outra de acordo com a situação social em que estivesse no momento de fala’; Bloomfield (1993, p. 56), para quem há bilinguismo quando um falante tem um controle nativo das duas línguas;
- 2) os que consideram haver bilinguismo mesmo quando o falante não domine as duas línguas com igual desempenho, estando uma delas, geralmente a materna, em posição de dominância. Incluímos entre eles Halliday (1974, p. 101), que afirma: ‘há bilinguismo sempre que o falante de uma língua materna utilizar um segundo sistema linguístico, embora o domínio da segunda língua não seja completo’;
- 3) os que consideram ser bilíngue o indivíduo que domina duas línguas, não importando o grau de competência atingido em cada uma delas ou as habilidades envolvidas no seu uso. Situamos neste grupo Weinreich (1953), para quem ‘bilinguismo é a prática alternada do uso de duas línguas’ e Lanche (1977) que o define como ‘a qualidade de uma pessoa que fala e compreende duas línguas’ (CONFORTIN, 1996, p. 573).

⁸ O bilíngue pode ser membro de uma comunidade essencialmente monolíngue, ou de uma comunidade que se usam duas línguas diariamente e de maneira estável (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 177, tradução nossa).

A terceira corrente é a mais adequada à realidade dos informantes desta pesquisa, pois entre eles serão encontrados diferentes níveis de bilinguismo. Compreender a situação de fala de cada grupo é importante para confirmar as análises sobre a manutenção e o abandono da língua italiana na comunidade investigada.

A partir do contato linguístico, as línguas encontram elementos para mudarem e se manterem em uso. No entanto, a comunidade em contato pode adotar ou não as inovações, preservar ou não uma variedade. Essas atitudes dependem de fatores linguísticos e extralinguísticos, os quais são, para Silva-Corvalán (1989), atitudes subjetivas dos falantes bilíngues e de toda essa comunidade, tanto em relação à língua como em relação à cultura da comunidade em que se está em contato.

Calvet (2002, p. 57) observa que existe “todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam”, que influenciam no comportamento linguístico de uma comunidade de fala.

Sendo assim, o nível de bilinguismo de um falante e de um grupo é influenciado pelas crenças e atitudes linguísticas, as quais são influenciadas pelos juízos de valor da sociedade sobre este grupo. Frosi, Faggion e Dal Corno (2010, p. 23) definem atitude como “uma reação valorativa favorável ou desfavorável em relação a um objeto real ou simbólico”. Para os autores, as atitudes são motivadas por efeitos psicológicos.

As atitudes linguísticas de um grupo estão relacionadas a fatores cognoscitivos, afetivos e emocionais. López Morales (1993, p. 233) evidencia que vários autores consideram esses três componentes:

el cognoscitivo, en el que incluye las percepciones, las creencias y los estereotipos presentes en el individuo; el afectivo, referido a emociones y sentimientos, y el de comportamiento, que se describe como la tendencia a actuar y a reaccionar de cierta manera con respecto al objeto (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 233).⁹

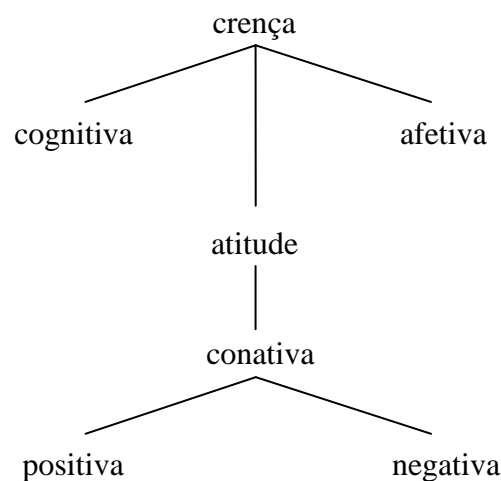
Esses três componentes têm sido citados por diversos autores que seguem a linha mentalista e que entendem a atitude como um estado interno do indivíduo. Moreno-Fernández cita os subcomponentes: *valoración (componente afetivo), saber ou crença (componente*

⁹ o cognoscitivo, no qual inclui as percepções, as crenças e os estereótipos presentes no indivíduo; o afetivo, referido à emoções e sentimentos, e o de comportamento, que se descreve como a tendência a atuar e a reacionar de certa maneira com respeito ao objeto (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 233, tradução nossa).

cognoscitivo) e *conduta* (*componente conativo*), os quais servem como base para a interpretação mentalista da atitude.

As crenças e valores emocionais se desenvolvem na interação social. Desde crianças interagimos com o outro, com a família e com a comunidade e esse processo continua à medida que crescemos, “até o ponto em que passamos a conduzir-nos, a pensar, sentir e avaliar as coisas, mais ou menos, como o fazem todos os que nos cercam” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 15). Os psicólogos sociais apresentam três fatores da atitude: pensamentos e crenças, sentimentos ou emoções, e tendências de reação.

As crenças envolvem cognição, afetividade, atitudes e tomadas de consciência. López Morales (1993, p. 235) ilustra as relações entre crenças e atitudes da seguinte forma:



Assim, crença, atitude e valores estão inter-relacionados. “As crenças podem estar integradas, portanto, por uma suposta cognição e por um integrante afetivo, ambos de origem social, e, ainda que nem todas as crenças produzam atitudes, em sua maioria, revelam uma tomada de posição” (PASTORELLI, 2012, p. 249), ou seja, mesmo que a atitude não seja concretizada em um comportamento de fato, ela pode ser materializada em uma postura, em uma intenção, calcada nos fatores cognoscitivo e afetivo.

Outro fator, no entanto, que pode influenciar as crenças e atitudes de uma comunidade é o contexto em que este grupo está inserido. Compreender, portanto, o processo de imigração dos italianos e de migração dos descendentes de italianos até chegarem ao município cascavelense é relevante para que se possa entender como os fatores históricos influenciam nas crenças e atitudes da comunidade italiana de frente sulista em Cascavel.

A PESQUISA E SEU ROTEIRO METODOLÓGICO

A pesquisa sobre descendentes de italiano, de colonização pioneira de frente sulista em Cascavel/PR, documenta e reflete sobre a preservação e a manutenção da fala italiana de alguns integrantes desse grupo étnico, pautando-se nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística, considerando as dimensões diassexual e diagenérica dos informantes, para a descrição dos elementos que atuam sobre as crenças e atitudes dos falantes.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram selecionados 18 informantes, com os seguintes requisitos básicos: ser descendente de italiano de colonização sulista pelo lado paterno, tendo sobrenome italiano; morar em Cascavel há pelo menos 30 anos; ser nascido em Cascavel, no caso da faixa etária mais jovem.

Como uma das hipóteses é de que a faixa etária, assim como o sexo poderiam contribuir no conservadorismo ou abandono linguístico da variedade italiana, foi selecionada a mesma quantidade de informantes de sexos diferentes, distribuídos em três faixas etárias distintas. Sendo assim, os informantes foram colocados nas variáveis: faixa etária e sexo. Com isso, foram estabelecidas as seguintes dimensões: - diassexual (masculino e feminino); - diageracional (GI, 20 a 40 anos; GII, 40 a 60 anos; GIII, mais de 60 anos).

Quadro 1 - Perfil dos informantes

Código dos informantes	SEXO	FAIXA ETÁRIA
HGIa	Homem	20-40

HGIb	Homem	20-40
HGIc	Homem	20-40
MGIIa	Mulher	20-40
MGIIb	Mulher	20-40
MGIIc	Mulher	20-40
HGIIa	Homem	40-60
HGIIb	Homem	40-60
HGIIc	Homem	40-60
MGIIa	Mulher	40-60
MGIIb	Mulher	40-60
MGIIc	Mulher	40-60
HGIIIa	Homem	mais de 60
HGIIIb	Homem	mais de 60
HGIIIc	Homem	mais de 60
MGIIIa	Mulher	mais de 60
MGIIIb	Mulher	mais de 60
MGIIIc	Mulher	mais de 60

Os dados revelam o nível de manutenção e preservação linguística, assim como as crenças e atitudes dos entrevistados, considerando os fatores sociais que envolvem o processo de manutenção/abandono das variedades linguísticas italianas majoritária e minoritária (ou seja, o italiano padrão, ensinado como língua estrangeira, e o *talian*).

CONHECIMENTO E COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO DOS INFORMANTES: UMA ANÁLISE DOS DADOS

Dentre os informantes, todos os da faixa etária mais velha, de ambos os sexos, vieram ou do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina. Os informantes masculinos da faixa etária intermediária - de 40 a 60 anos - vieram de um dos estados sulistas, assim como os mais velhos, enquanto que entre as mulheres, apenas uma veio do Rio Grande do Sul e as outras duas são paranaenses. Já os entrevistados da faixa etária mais nova nasceram em Cascavel. No entanto, vale lembrar que todos os 18 informantes, mesmo os que nasceram no Paraná, proveem de famílias de colonização sulista e, portanto, sabemos que o imigrante italiano da família se instalou no Rio Grande do Sul.

Nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1970, sobre a naturalidade da população de Cascavel, apresentados por Piaia (2013), dos 49.767 habitantes, naquele ano, 14.626 eram riograndenses e 13.819 catarinenses. Piaia lembra que os paranaenses, em sua maioria, eram filhos de colonos italianos da região do Rio Grande do Sul

e Santa Catarina, fato que se confirma, pois todos os entrevistados para esta pesquisa afirmaram que os pais ou avós eram desses estados.

Apesar de todos serem falantes do português, os níveis de bilinguismo são variados entre os informantes. É importante apontar, antes de tudo, que cinco informantes tiveram o italiano como **língua materna**, todos os entrevistados do sexo masculino da faixa etária mais velha, e um da faixa etária intermediária, e entre as mulheres, apenas uma informante. É possível identificar esses informantes como bilíngues de aquisição simultânea, pois aprenderam na infância, precocemente, mais de um idioma. Certamente, um fator fundamental para que alguns deles ainda lutem pela preservação dessa variedade seja o fato de terem o *talian* como língua materna. Sobre isso, Confortin destaca que “A língua aprendida com a família carrega em si o afeto que existiu nessa relação onde, além da linguagem, foram transmitidas uma cultura e uma ideologia” (CONFORTIN, 1996, p. 575).

O informante HGIIIb, por exemplo, relata que aprendeu na infância o italiano, que hoje não fala o idioma no dia a dia, mas afirmou ainda saber falar a língua materna. Para ilustrar a situação da manutenção do italiano minoritário e/ou majoritário entre os informantes mais velhos, apresentamos um quadro com base nos sete itens lexicais selecionados, sendo que em negrito estão os **termos registrados pelo informante**, como primeira resposta ao ser inquirido, e, em itálico, os *termos sugeridos e reconhecidos pelo entrevistado*. Quando o informante nem registrou, nem reconheceu nenhum dos termos, o espaço fica em branco.

Quadro 2 - Registros e reconhecimentos de variantes lexicais utilizadas pela faixa etária mais velha - GIII

PADRÃO/TALIAN	HGIIIa	HGIIIb	HGIIIc	MGIIIa	MGIIIb	MGIIIc
Forchetta/ Piron	piron, <i>forchetta</i>	<i>piron</i>	piron, forchetta	<i>piron</i>	<i>forchetta</i>	piron, <i>forchetta</i>

Coltello/Possada	possada	<i>possada</i>	possada, cutello	<i>possada e coltello</i>		<i>possada</i>
Cipolla/ Sêola	segola, cipolla, sêola	<i>seola</i>	segola	seóla	<i>séola</i>	seole, cipolla
Sciocco/ Bauco	bauca	<i>bauco</i>	bauco	bauca	<i>bauco</i>	<i>bauco</i>
Sedia/ Carega	carega	carega	carega, sedia	carega	<i>sedia</i>	carega
Prendere/Ciapar	ciapar, prendere	ciapar	ciapar, prendere	ciapar	<i>ciapar, prendere</i>	ciapar, prendere
Aprire/ Verdar	verder, aprire	verser	verder, aprire	verder, verdere, aprire	<i>aprire, verdar</i>	verder, aprire

Conforme os dados do quadro, podemos observar que o componente conativo e o nível de bilinguismo, entre os homens da faixa etária mais velha, é mais alto, pois registram como primeira resposta o *talian*. Entre as mulheres a manutenção dos itens lexicais no *talian* também se destaca e reitera a dimensão faixa etária como contexto favorável para a preservação da variedade minoritária italiana. De um lado, está o próprio conhecimento do falar, e, de outro, a atitude identitária, que se representa mais próxima da descendência italiana.

Outro fato que chama atenção é a observação do informante HGIIIc, que notou as variações do *talian*, ao responder *segola* e rebateu a sugestão do termo *séola*, o que mostra um nível alto de consciência linguística e a prevalência do componente cognoscitivo: “Sim. Aí que tá algumas diferenças de alguns dialetos de comunidades. Nós em casa falávamos *segola*, mas alguns parentes falavam *séola*. Mas são duas palavras totalmente usadas”.

Já o informante HGIIIb lembrou de comentários da mãe, acionando o componente afetivo, quando o termo *bauco* foi sugerido: “A mãe usava muito ‘*mi someia un bauco*’, me parece um *bauco*, parece um bôbo.... (risos)”. Este comentário demonstra que, apesar de o informante não utilizar no dia a dia o *talian*, sua língua materna, ele ainda tem um bom domínio sobre a variedade.

O componente cognoscitivo prevalece entre os informantes desta faixa etária. O fato pode ser observado no comentário de HGIIIc, para uma das variantes de cadeira. Ao falar *carega*, o termo em *talian*, e ao ouvir a sugestão de *sedia*, a resposta foi: “Só no oficial...”. Já MGIIIb, ao ouvir a sugestão *ciapar*, variante do *talian* para *pegar*, respondeu e observou: “*Prendere* quando eu estudei e *ciapar* eu ouvia...”.

Entre os informantes da terceira geração, apenas uma mulher registra conhecimento do *talian*. Apesar de MGIIIa ser descendente de italiano pelo lado paterno, a informante conta que não aprendeu com seus pais a variedade linguística italiana, mas com o esposo e amigos. Assim, ela pode ser definida como uma bilíngue de aquisição consecutiva, tardia, da variedade minoritária. Além do contexto familiar, as atividades de cunho cultural podem ser tomadas como de maior influência para a preservação da cultura e da língua italiana, como é possível observar na resposta a seguir:

MGIIIc - Eu estou no folclore, no grupo [*Ladri di cuori*]. Já participei do Coral, mas este acabou... Eu não danço, mas eu conto a histórica dos imigrantes, quando eles vieram da Itália, então a gente conta toda essa parte... É um show-teatro que a gente conta uma parte, eles dançam. Eu volto a contar a história... Eu e meu marido, nós dois trabalhamos.

Quando interrogados se falavam italiano, alguns informantes diferenciaram a língua majoritária da minoritária, acionando o componente cognoscitivo mais uma vez. O *talian* é descrito como a língua da família, enquanto o padrão é escolar. HGIIIa, por exemplo, deixa clara a distinção entre as duas variedades: “Falo italiano, não... Falo o da região do vêneto, que hoje chamam de *talian*. Esse eu falo”.

Entre os **informantes da faixa etária intermediária**, não observamos uma valoração positiva ou negativa sobre as duas formas linguísticas:

HGIIc - *Mi me piase.... perché go imparà anca ben il italiano... Me piase anca l'italiano... ze due lingue latine... Me piase. No go tanta fluenssia del'italiano, como go el talian, ma va bene le due... [Ma se dovissi sclegliere una? La più bella...] Pì bela.... se no se sarissimo drio far italiano al programa (risos). Allora el taliano è pì bel e pì importante par mi.*¹⁰

Percebemos, portanto, a prevalência do componente cognoscitivo, pois o nível de consciência linguística é alto, e, ao mesmo tempo, do componente afetivo, pois, ao defender e lutar pela língua materna, reafirmam-se as fronteiras étnicas, demonstrando que a identidade étnica toma características emocionais, em que, para alguns informantes falar em italiano é uma questão de preservar a própria identidade. Por outro lado, alguns acionam o componente conativo e estabelecem atitudes, mesmo que seja a favor da língua italiana padrão. Na resposta a seguir, a informante descreve a realidade da língua no seu cotidiano:

¹⁰ HGIIc - Eu gosto... Eu aprendi também o italiano... Eu também gosto do italiano... São duas línguas latinas... Eu gosto. Não tenho tanta fluência no italiano, como tenho no *talian*, mas as duas são bonitas... [Mas e se você tivesse que escolher uma? A mais bonita...] Mais bonita... se não nós faríamos o programa em italiano (risos). Então o *talian* é mais bonito e mais importante para mim (tradução nossa).

MGIIb - Não tem uma ocasião específica. Mas assim, de vez em quando, a gente tá fazendo alguma coisa aí lembra do italiano daí você fala alguma coisa. Mas é pouco também, né. Além da aula, de vez em quando, quando acontece alguma coisa na televisão e tal, você escuta alguma coisa, ou brincar, ou de repente a gente tá ouvindo uma entrevista falando alguma coisa da Itália, daí a gente acaba falando. E lá na Regional, de vez em quando a gente se encontra, a Marisa, eu e a Stefania e tentamo falá! (risos) Tentamo falar algumas palavrinhas em italiano, alguma coisa, depois a gente para. (risos) Hoje mesmo de manhã encontrei com as duas, aí a gente trocou umas palavrinhas, nem que seja bongiorno, come stai, bene... e lembra algumas coisas... mas assim, bem pouco, porque daí chega uma hora que falta, que esquece as palavras. Como é que é que fala... ihhh Daí acaba não falando mais.

Há, entre os informantes, principalmente do sexo feminino, uma valorização da língua padrão sobre a variedade minoritária, tanto pelo fato de os pais não terem ensinado a língua em casa, quanto por questões de prestígio da língua *standard*.

MGIIb - Eu acho o italiano clássico, o padrão. Deixa o Jaime escutar isso! Eu assim, eu entendo tudo, eu sei, mas eu não gosto muito, eu prefiro o italiano, eu acho mais clássico, mais bonito, sabe? Gosto. Tudo bem é a língua dos meus avós, eu sei que é isso então eu não vou desprezar, mas eu acho mais bonito o italiano clássico mesmo, o padrão.

Da mesma forma, a informante MGIIc diz não saber falar em italiano por não ter feito curso “ainda”, apesar da descendência.

Na questão 90, feita com base na técnica *matchedguises* (falsos pares) ou *Matched Guise Technique*, os informantes ouviram dois áudios, sendo um falante do *talian*, e outro de um falante do italiano padrão e comentaram sobre esses falantes e essas variedades linguísticas. MGIIc demonstrou preferência pela variedade majoritária quando disse que a língua falada no segundo áudio parecia mais clássica e que era a mais bonita, pois era mais fácil de entender. Mesmo assim, conforme a manutenção dos itens lexicais selecionados e tabulados, há indícios de que a informante tem pouco domínio sobre a língua padrão italiana, pois apenas reconheceu os itens lexicais, e nenhum sobre o *talian*:

Quadro 3 - Registros e reconhecimentos de variantes lexicais utilizadas pela faixa etária intermediária - GII

PADRÃO/TALIAN	HGIIa	HGIIb	HGIIc	MGIIa	MGIIb	MGIIc
Forchetta/ Piron	piron, <i>forchetta</i>		piron, forchetta	forchetta, <i>piron</i>	forchetta, <i>piron</i>	<i>forchetta</i>
Coltello/Possada	possada, <i>coltello</i>		possada, <i>coltello</i>	coltello	<i>coltello,</i> <i>possada</i>	<i>coltello</i>

Cipolla/ Sêola	cipolla, séola		sigola, sèola, <i>cipolla</i>	cipolla	cipolla, sêola	<i>cipolla,</i> <i>seola</i>
Sciocco/ Bauco	<i>bauco</i>	<i>bauco</i>	bauca, ció	<i>bauco</i>	<i>bauco</i>	
Sedia/ Carega	carega, sedia	<i>carega</i>	carega, sedia	sedia	sedia, <i>carega</i>	
Prendere/Ciapar	ciapar, <i>prendere</i>	ciapar	ciapar, prender	prendere, <i>ciapar</i>	<i>prendere,</i> <i>ciapar</i>	<i>prendere</i>
Aprire/ Verdar	verder, <i>aprire</i>		verder, aprire	aprire	aprire	<i>aprire</i>

Constatamos também, a partir desse quadro, que dois informantes, da faixa etária intermediária, têm um comportamento semelhante aos informantes mais velhos, prevalecendo o componente afetivo. Assim como os homens da GIII, os informantes do sexo masculino da GII sempre registravam os termos, primeiro, em *talian*. Além disso, mostraram um bom nível de consciência sociolinguística, pois sempre acionavam também o componente cognoscitivo, tanto pelo fato de darem a forma no italiano padrão, como por conseguirem diferenciar as duas formas. HGIIc, por exemplo, comentou a sugestão do termo *cipolla*, dizendo que este faz parte do italiano *standard* para *cebola*, assim como *sedia* (cadeira).

A manutenção da língua italiana entre as mulheres da faixa etária intermediária, como pode ser observado, no entanto, é direcionada à língua *standard*. Entre as informantes, MGIIb observou: “*Possada* era o que os meus pais falavam, que era no caso na língua deles e *coltelo* é o que a gente aprendeu na língua italiana, no curso”. Além destes termos, ela observou que *sêola* era o que seus pais falavam, assim como *ciapar*.

Os dados indicam que a variável diasssexual influencia no comportamento linguístico. Paiva (2004, p. 40) observa que a consciência feminina está direcionada ao *status* social das formas linguísticas e pode ser atribuída ao formalismo: “Tal formalismo, transferido para as situações interacionais vivenciadas pela mulher, se traduz na necessidade de resguardar a face e de manifestar um comportamento que garanta sua aceitação social”.

Assim como as mulheres da faixa etária intermediária, os **informantes mais jovens** demonstraram uma preocupação com a **questão normativa da língua**: “É importante [a língua italiana]. Eu quero aprender mesmo. É uma língua que eu quero estudar” (HGIIa).

Além de evidenciarem preocupação com a questão gramatical da língua italiana, os mais jovens demonstraram **consciência sociolinguística** em relação às variedades padrão e minoritária, como é possível observar no seguinte comentário, em que o informante compara as duas variedades, destacando-se a sobreposição da língua padrão e seu *status* social para o grupo: “Então, eu entendo italiano. Algumas coisas eu falo em italiano. Falta gramática e

falta, às vezes, concordância. Entendeu? Mas eu falo... Por exemplo, a mãe fala comigo em talian, eu respondo pra ela em italiano. Entendeu? Em gramatical” (HG1c).

A consciência sociolinguística pode acionar também avaliações negativas em relação a uma variedade linguística, conforme resposta a seguir: “[...] O *talian*, pelo que eu vejo eles falando, parece que é o italiano meio bêbado, falando... Com preguiça de falar. O *talian* é o preguiçoso falando, entre aspas, né. O gramatical não, você tem que abrir mais a boca, pronunciar melhor” (HG1c).

Podemos observar uma prevalência do componente cognoscitivo nas respostas de alguns informantes. Apesar de certo estigma em relação à forma minoritária, há o resgate de uma memória linguística (que remete à identidade étnica), por exemplo, no registro das variantes lexicais do *talian*:

Quadro 4 - Registros e reconhecimentos de variantes lexicais utilizadas pela faixa etária mais jovem - GI

PADRÃO/TALIAN	HG1a	HG1b	HG1c	MG1a	MG1b	MG1c
Forchetta/ Piron			<i>forchetta</i>			<i>forchetta</i>
Coltello/Possada		<i>coltello</i>		<i>coltello</i>		<i>coltello</i>
Cipolla/ Sêola	<i>cipolla</i>	segola, seola, cipolla	cipolla, seola		<i>cipolla</i>	<i>cipolla</i>
Sciocco/ Bauco	<i>bauco</i>	<i>bauco</i>	bauco	<i>bauco</i>	<i>bauco</i>	
Sedia/ Carega			sedia, carega		sedia	
Prendere/Ciapar		<i>ciapar</i>	prendere, ciapar	<i>prendere</i>	prendere	<i>prendere</i>
Aprire/ Verdar		<i>verser, versere</i>	aprire, verser		<i>verdar, verdere, aprire</i>	

Apenas um dos informantes mais jovens, HG1c, do sexo masculino, apresenta um nível mais alto de consciência linguística, o que é demonstrado, por exemplo, no comentário sobre o termo sugerido *sèola*: “Sim, dialeto vêneto...” e também pela quantidade de registros (em negrito) e reconhecimento (em itálico).

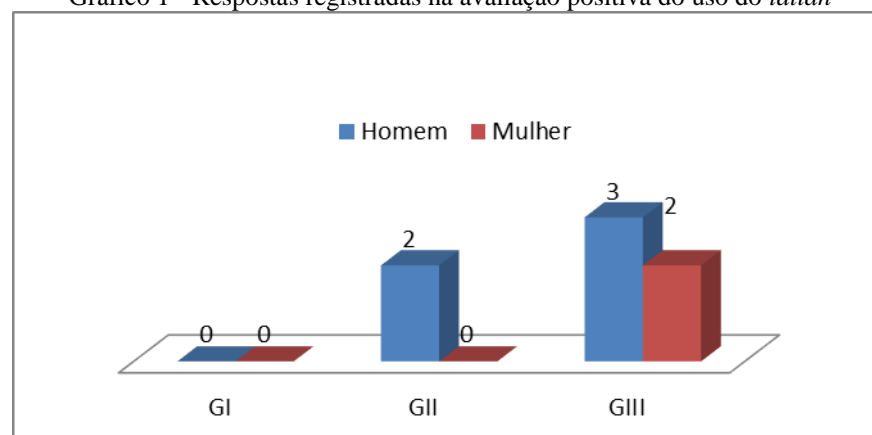
Apesar de o informante HG1c registrar o conhecimento do *talian*, por meio do termo *bauco*, e do reconhecimento dos vocábulos *seola*, *carega*, *ciapar* e *verser*, ele avalia o padrão como forma “mais bonita. A primeira, ela é mais popular. Eu me familiarizo mais, até porque eu escuto mais a primeira, o *talian*. Mas a mais bonita, com certeza, é o italiano” (HG1c).

As respostas obtidas por meio da questão 90 - técnica conhecida como *matchedguises* (falsos pares) ou *Matched Guise Technique* - revelam as crenças dos falantes

em relação às duas variedades linguísticas, podendo acionar tanto a consciência sociolinguística do falante e suas crenças, ou seja, o componente cognoscitivo, como o componente afetivo, considerando que os informantes demonstram qual das variedades eles avaliam positivamente e negativamente.

Todos os entrevistados da faixa etária mais jovem responderam que preferem a segunda variedade, ou seja, a padrão. Já entre os falantes da faixa etária intermediária, apenas dois disseram preferir a primeira forma, ou seja, o *talian*, sendo que são os dois do sexo masculino. Entre os informantes da faixa etária mais velha, apenas uma, do sexo feminino, disse preferir o padrão, MGIIIb. Na resposta para uma das perguntas da questão 90, os informantes do sexo masculino, da segunda e terceira geração, registraram a preferência pelo *talian*. Já as informantes femininas da primeira e da segunda geração, juntamente com os homens mais jovens dizem preferir o italiano padrão.

Gráfico 1 - Respostas registradas na avaliação positiva do uso do *talian*



É possível observar que as crenças dos informantes do sexo masculino da faixa etária intermediária se aproximam daquelas dos entrevistados da faixa etária mais velha (GIII). Os homens da faixa etária mais velha, assim como dois informantes da faixa etária intermediária, podem ser identificados como revivificadores do *talian*, o que é reforçado por López Morales, quando diz sobre o prestígio encoberto: “*Los hombres, por otra parte, también son sensibles a cierto estatuto de prestigio, pero no al general y abierto de la variedad estándar, sino al prestigio encubierto*” (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 127).

Entre os informantes da faixa etária intermediária, são registradas justificativas e avaliações nos comentários sobre a preferência por uma ou outra variedade, como é possível observar a seguir:

MGIIb - Eu acho o italiano **clássico**, o padrão. [...] Eu assim, eu entendo tudo, eu sei, mas eu não gosto muito, **eu prefiro o italiano**, eu acho mais clássico, mais bonito, sabe? Gosto. Tudo bem é a língua dos meus avós, eu sei que é isso então eu não vou desprezar, mas eu acho mais bonito **o italiano clássico** mesmo, o padrão.

Já os informantes da faixa etária mais velha justificam a escolha pelo *talian* como a mais bonita pela familiaridade, ou seja, pelo componente afetivo, quando dizem ser “a forma que a minha mãe falava”, por exemplo. O componente cognoscitivo também prevalece, quando os informantes dizem “entender melhor” o *talian*.

Os componentes cognoscitivo e afetivo estão interligados, como os teóricos defendem. A resposta da informante MGIIIc, por exemplo, é intercruzada pelos dois componentes, pois quando ela diz que “entende mais” e que conhece mais a variedade linguística minoritária, ela aciona o componente cognoscitivo, ou seja, a consciência sociolinguística e seus conhecimentos perante determinada variedade. Porém, quando diz “eu acho mais bonita a nossa”, o pronome possessivo demonstra vínculo e sentimentos identitários, ou seja, prevalece ao mesmo tempo o componente afetivo.

É possível observar também que apenas uma das informantes da faixa etária mais velha, MGIIIb, compreende melhor a forma padrão e a considera “mais bonita”. Os outros entrevistados da GIII, assim como maior parte dos informantes do sexo masculino da GII, avaliam a variedade minoritária italiana como mais bonita. As mulheres da faixa etária intermediária, por sua vez, assim como a MGIIIb, se aproximam das crenças apresentadas pelos mais jovens, o que confirma a teoria de que as mulheres são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas do que os homens.

Busse (2010, p. 266-268) conclui em sua pesquisa de tese referente ao estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná que as dimensões diassexual e diageracional interferem nas formas de inovação e preservação da fala, o que também se pode afirmar neste estudo. A pesquisadora observa que as mulheres e os jovens são os que mais apresentam as formas de prestígio (positivas), assim como as de inovação, enquanto que os homens e os mais velhos são mais conservadores quanto à fala minoritária do grupo de origem, apesar de ser considerada pelos demais como formas desprestigiadas (negativas).

Os dados indicam que o fator diageracional influencia no comportamento linguístico dos falantes, o que pode também ser observado nesta comunidade, com esses informantes. Os mais jovens, da GI, preservam menos o *talian* do que os mais velhos e os da faixa etária intermediária, e, assim como as mulheres da faixa etária intermediária, direcionam-se mais à

variedade *standard*, como pode ser observado no quadro apresentado acima. No entanto, há diferenças de comportamento dentro de cada subgrupo, de cada faixa etária, o que evidencia a complexidade de estabelecer estratos sociais.

Hoje, os falantes bilíngues de português-italiano, inseridos em contextos diferenciados, acabam utilizando o italiano apenas em ambientes restritos, como em ambiente familiar ou em situações determinadas e planejadas, como no programa de rádio *Italia del mio cuore*¹¹ e nos encontros do grupo *Filò*¹², pelos informantes mais velhos do sexo masculino. Confortin enfatiza que, portanto, “o fato de falar duas ou mais línguas, não supõe sempre a existência de uma comunidade bilíngue” (CONFORTIN, 1996, p. 573). Em Cascavel, podemos observar, também, que a existência de alguns bilíngues não pressupõe a existência de uma comunidade bilíngue português-italiano e que ocorre mais a preservação do que a manutenção em si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história e a saga desse grupo étnico podem ser descritas como elementos determinantes para a realidade registrada nos dados desta pesquisa. Ao se fixarem no Rio Grande do Sul, muitos dessa comunidade de imigrantes tornaram-se colonos proprietários de terra e desenvolveram uma identidade diferente daquela dos imigrantes que se instalaram em São Paulo, por exemplo. Além da repressão e da estigmatização, que influenciaram alguns imigrantes e descendentes de italianos a abandonarem a variedade linguística minoritária, a solidariedade entre o grupo étnico, o saudosismo e outros fatores emocionais contribuíram para que um determinado grupo, dentro da comunidade de descendentes, se identificasse e se solidarizasse.

Entre os mais jovens, assim como as mulheres da faixa etária intermediária e uma da mais velha, MGIIIb, no entanto, não estabelecem essas fronteiras étnicas linguísticas, como os homens mais velhos e parte deles da intermediária. No entanto, os mais jovens e as mulheres valorizam mais a língua italiana padrão, ainda que a grande maioria não a domine.

¹¹ O programa *Italia del mio cuore*, conforme reportagem publicada no Jornal O Paraná, de Cascavel, do dia 7 de abril de 2012, foi ao ar pela primeira vez no dia 4 de fevereiro de 1996, pela Rádio Nacional, passou pela Rádio Capital por um tempo e, desde 2007, é transmitido pela Rádio Colméia (AM - 650 KHZ).

¹² O grupo *Filò*, de canto de música folclórica italiana de Cascavel, surgiu em meados de 1997. Segundo o Jornal Hoje, de Cascavel, do dia 3 de junho de 2012, o grupo lançou no início de 2012 o primeiro CD, o qual conta com 15 músicas da cultura folclórica italiana, tais como *Da l'Italia noi siamo partiti (Mérica, Mérica)* e *Quel mazzolin di fiori*.



Apesar da complexidade, estabelecer as variáveis sexo e faixa etária foi fundamental para registrar que os resultados não são homogêneos, assim como toda situação linguística. Apresentar os resultados distribuídos no interior das variáveis é uma forma de observar que tanto a forma linguística como a percepção sobre a cultura de um grupo sofrem os efeitos dos movimentos e processos de mudança linguística, resultados de inovações, prestígio e estigmatização ao mesmo tempo, dependendo da condição social.

O *talian* acaba sendo muito mais preservado, do que mantido. Esta variedade linguística italiana torna-se, assim, expressão da fronteira étnica italiana de um grupo da comunidade italiana e esta variável linguística não funciona apenas como um meio de comunicação, mas como símbolo de identificação de grupo.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 289-315.
- BALHANA, Altiva Pilatti. *Un Mazzolino de Fiori*. v. I. WESTPHALEN, Cecília Maria (Org.). Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.
- BUSSE, Sanimar. *Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná*. Londrina, 2010. 284 p. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Londrina. [Orientadora: Prof. Dr. Vanderci de Andrade Aguilera].
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- COLOGNESE, Silvio Antonio. *Associações étnicas de italianos: identidade e globalização*. São Paulo: Itália Nova, 2004.
- _____. Gerações, fronteiras e italianidade no sul do Brasil. *Tempo da Ciência*, Cascavel, v. 18, n. 36, p. 137-152, 2011.
- CONFORTIN, Helena. Comportamento de falantes bilíngues do Alto Uruguai gaúcho frente à língua materna (dialeto italiano) e à língua portuguesa. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). *A Presença Italiana no Brasil*. v. III. Porto Alegre; Torino: EST; Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.
- DEITOS, Nilceu Jacob. *Presença da igreja no oeste do Paraná: a construção do imaginário católico (1930-1990)*. Porto Alegre, 2004. 250 p. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. **Estigma**: cultura e atitudes linguísticas. Caxias do Sul: EducS, 2010.

HEYE, Jurgen; VANDRESEN, Paulino. Línguas em contato. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (Orgs.). *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 381-411

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *ALERS*: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil. Volumes I e II: Introdução. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/ UFPR, 2002.

KRUG, Marcelo Jacó. *Identidade e comportamento lingüístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de imigrante - RS*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos* (1972). Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. *Psicologia social*. Tradução de Álvaro Cabral. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. Madrid: Gredos, 1993.

MARCELINO, Marcello. *Bilingüismo no Brasil*: significado e expectativas. Revista Intercâmbio. v. 19. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2009. p. 1-22. Disponível em: <revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/download/3487/2295>. Acesso em: 17 ago. 2013.

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ORO, Ari Pedro. “Mi son talian”: considerações sobre a identidade étnica dos descendentes de italianos do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto. *A presença italiana no Brasil*. v. III. Porto Alegre: EST, 1996.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolingüística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.



PASTORELLI, Daniele Silva. Crenças e Atitudes Linguísticas em Região de Fronteira - Capanema. In: ALTINO, Fabiane Cristina Altino. *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012. p. 246-263

PERTILE, Marley Terezinha. *O Talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

PIAIA, Vander. *Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel*. Cascavel: Edunioeste, 2013.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Os contatos linguísticos e o Brasil. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 13-56.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística: Teoría y Análisis*. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. *Estudos de Variação Lingüística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

WEI, Li. *The Bilingualism Reader*. London and New York: Routledge, 2000.

Data de recebimento: 23/03/2015

Data de aprovação: 07/05/2016